

**DIREITOS PSÍQUICOS COMO DIREITOS HUMANOS: PODE A PSICANÁLISE  
CONFERIR ESTA GARANTIA?**

**JOSÉ EUCLIMAR X MENESES**

docente adjunto do Programa em Família na Sociedade Contemporânea/UCSAL, professor dos cursos de psicologia das Faculdades Social da Bahia e Santíssimo Sacramento. É editor da Revista Diálogos possíveis, mestre e doutor em filosofia da psicologia e da psicanálise/UNICAMP e pós doutor pela Pontifícia Universidade Lateranense/Roma. Lidera o grupo de pesquisa Epistemes da subjetividade/UCSal/CNPq.

**RESUMO:** A antropologia psicanalítica envolve certos problemas que reduzem humano, sustém Edith Stein. Os processos psicológicos complexos, a constelação da vida emocional sofre um forte reducionismo mediante a concepção psicanalítica. A inscrição deste saber no movimento romântico, bem como o seu modo de conceber a natureza humana se caracterizam pela negatividade, pelo desencanto e pela desesperança, bem como compreende o comportamento humano como mero resultado de movimentos instintivo-libidinais. Fato que negligencia um direito fundamental dos sujeitos humanos à compreensão de sua vida emocional em sua complexidade.

**Palavras-Chave:** Direitos emocionais. Direitos humanos. Psicanálise. Filosofia.

**ABSTRACTS:** The Psychoanalytic Anthropology involves certain problems that reduce the human condition, sustains Edith Stein. The complex psychological processes, the constellation of emotional life are reduced by psychoanalysis. Its inscription in the Romantic Movement, and its way of understanding human nature are characterized by negativity, by disillusionment and despair. Also, such knowledge understands human behavior as merely as results of instinctive-libidinal movements. A perspective that does not consider the fundamental right of human subjects to understand their emotional life in its complexity.

**Key-Words:** Emotional rights. Human rights. Psychoanalysis. Philosophy.

*“...jogar a criança fora com a água do banho”*

Aqui pretendo recortar o modo como Stein compreende as formas de individuação que imputa à teoria psicanalítica. Mais precisamente, o que se pretende nesse espaço é isolar e analisar as concepções atribuídas à psicanálise acerca do sujeito humano como dotado de uma vida emocional complexa, para cuja compreensão poderia corresponder o estabelecimento de condições de garantias de direitos. Um dos mais elementares deles é à vida emotiva. O saber que conceitua os processos que ocorrem na vida emotiva a compreende e pode possibilitar intervenções que garantam as condições de experiência saudável desta dimensão da vida humana? Portanto, realizo um esforço de compreensão da crítica steiniana à psicanálise, para o que reconstituimos certo itinerário textual da *metapsicologia* para demonstrar os pontos teóricos de propulsão de Stein. Colocaremos também em relevo as inflexões que sobre eles a autora realiza, tentando, tanto quanto possível, apontar as tensões inerentes às interpretações, consideradas como desafios a um diálogo fértil e enriquecedor entre as antropologias aqui implicadas.

Meu ponto de partida é a tradução em italiano de *A estrutura da pessoa humana*<sup>1</sup>, no qual o *Logos* é tomado como guia do agir humano. A autora propõe algo do tipo: porque livre, o homem age sob a tutoria do *Logos*. Ser agente do *Logos* é a ação garantidora da condição humana. A força propulsora do agir humano, o vetor para o qual se orienta a conduta humana repousa no *Logos*, apresentado como a ordem objetiva da realidade, à moda dos gregos. Ela sustenta que no *Logos* a *compreensão de vivente* solicita adequar o agir do sujeito à orientação do *Logos*.

Qual o sentido deste ponto de partida e vetor de remissão do comportamento humano? A ação integrada à ordem objetiva e lógica envolve todas as expressões humanas a exemplo do pensar, do falar e do próprio agir. Mesmo que o sujeito não elabore grandes reflexões a respeito de sua ação, ela não resulta desprovida de logicidade por causa da ausência do elemento

---

<sup>1</sup> STEIN, E., *La struttura Della persona humana*, Roma: Città Nuova Editrice, 2000.

reflexivo-norteador. Ou simplesmente, a autora parece conceber o sujeito humano como incapaz de atos acráticos, incapaz de um agir sem sentido. Logo, em cada gesto, mínimo que seja, em cada pensar, desarticulado que seja, em cada agir, anárquico que seja, toda expressão do agir humano está permeada e conduzida pelo *Logos*. Em outros termos: o sujeito humano como tal se comporta atribuindo uma significação à esse comportamento.

Nesse diapasão, a formação humana que assegure a cada homem o desenvolvimento dessa potencialidade é aqui pensado estruturalmente. Isto é: todo homem é, de per si, digno de receber em sua história de vida as condições pedagógicas para pensar e nortear a sua própria ação como humana e., portanto, preche de sentido. Princípio garantista da condição humana que cobra da teoria da formação do homem indagar-se sobre a sua situação no mundo, bem como acerca de sua natureza. Como quer que ocorra a prática pedagógica, seus efeitos não são inócuos. Tenha ou não uma visão de mundo e de homem como sustentáculos, possua ou não uma coerência na combinatória das duas, seja ou não uma prática gerada por uma reflexão profunda, a ação pedagógica é influente na formação do sujeito, e é necessário vislumbrar em que medida tal influência ocorre.

É exatamente esta moldura na qual a psicanálise brota na reflexão da autora. Ou em outros termos, ela comparece no texto oferecendo à práxis pedagógica uma visão de homem, uma antropologia. A teoria que sustenta a formação humana se enraiza e se fundamenta na *antropologia*.

Qual é aquela que hoje adota a pedagogia? A autora pensa que a visão de homem produzida pela psicanálise é aquela assumida pela pedagogia contemporânea. Quais as conseqüências desse “empréstimo”?

No cenário que contrói, Stein aponta um elenco das antropologias que caracterizam o mundo contemporâneo. A visão psicanalítica de homem é precedida pelo *idealismo alemão*, fenômeno reflexivo e expressivo de uma reação contra o materialismo e o positivismo vigentes

no século XIX. Na avaliação de Stein, o idealismo não superou esses movimentos constituintes das concepções antropológicas que caracterizam o sombrio século XX que, do ponto de vista pragmático, culminam com a Primeira Guerra, tempos que dotaram de extrema debilidade toda a proposta idealista assim traduzida em suas próprias palavras:

*O ser humano... é livre, é chamado à perfeição (que chamam de “humanidade”), é um membro na totalidade da cadeia do gênero humano que se avizinha progressivamente do ideal de perfeição; cada sujeito e cada povo recebeu, na força da própria natureza, uma tarefa particular a desenvolver no processo civilizatório da humanidade<sup>2</sup>.*

Para Stein, o idealismo alemão está impregnado de um ativismo e de um otimismo etéreos. Nele, a tarefa do educador reside no estímulo à participação na criação do *espírito humano*. O pressuposto seria que, diante mão, cada sujeito humano faria, de *per si*, uma adesão quase espontânea a esse projeto, dado que cada um é dotado do instrumento mais nobre da natureza: a razão. A confiança nela advém do racionalismo e do iluminismo, reflexões que compreendem as potências mais exponenciais do sujeito humano como sendo derivadas de elaboração do intelecto.

Ora, é esse fascínio pela razão e pela consciência que o Romantismo vem corroer. Ele vai se interessar, sobretudo, pelo *mundo das sombras*, pelas forças sombrias que habitam a alma humana, pelos abismos sobre os quais se precipitam a existência do homem. Mas esse movimento também malogra frente às tendências materialistas e positivistas que prevalecem na contemporaneidade. Qual teria sido o evento que operou uma influencia significativa sobre a pedagogia? Que antropologia oculta? Quais as conseqüências dessa influencia?

A autora apresenta a literatura russa como o espaço de elaboração privilegiado desse universo obscuro caracterizador da vida humana. Tolstoi e Dostoievski perscrutaram a alma e nela descobriram o abismo profundo da existência humana, no qual habitam, recônditas, as

---

<sup>2</sup> Idem p. 39.

antinomias da normalidade anímica, as forças misteriosas que sobressaltam a vida consciente ou “normal”.

A lupa da autora indica a inscrição que me interessa: objetivamente, foi a psicanálise quem se ocupou desse universo. É ela a responsável de uma mensuração mais acurada desta realidade recôndita da alma humana. O ponto de vista proposto pela psicanálise, de acordo com a autora, recebeu grande adesão do mundo intelectual, mas também grande resistência.

A guerra e o pós guerra são os eventos que exibem os elementos promotores do florescimento de forças profundas que demonstrariam a falência da razão, da humanidade e da cultura, lançando o homem em sua impotência.

Portanto, a literatura russa, a psicanálise, a guerra e o pós-guerra operam uma inversão no próprio conceito de homem, a partir do qual não mais vigorará o lado luminoso da consciência, da vida de vigília, das forças humanas unitárias. Ao invés disso, “...uma outra imagem do ser humano é elaborada em substituição daquela imagem humanista, ou melhor, outra proposta antropológica...”<sup>3</sup>. Uma imagem negativa do humano emerge fazendo com que a consciência, os atos da vontade, o pensamento, os sentimentos sejam derivados dessas forças inconscientes.

Em outros termos: a psicanálise contribui no reconhecimento desse abismo que funda e fundamenta a vida humana. Não se trata da descoberta de uma dimensão da vida ao lado de outras que a caracterizariam. Invés disso, o que se obtém é o estabelecimento de uma concepção de homem radicalmente oposta à que lhe antecede: a vida consciente é um mero resultado de forças inconscientes, deriva desse universo sombrio e obscuro que efetivamente conduz o comportamento humano.

Qual o significado disto para o arrazoado que a autora apresenta? Certamente que a psicanálise, com os movimentos apontados, inverte a tese que funda e fundamenta o pensamento humanista a respeito do agir humano, tese sustentada no LOGOS. A antítese resultante seria: todo

---

<sup>3</sup> Idem p. 41.

agir humano é, de principio, inconsciente. Como a autora compreende tal antítese? Qual é o lugar ocupado pela psicanálise nessa nova forma de olhar o homem?

Com a finalidade de compreendê-lo, a psicanálise faz residir no *abismo da alma* forças invisíveis nomeadas de *pulsões*. O que quer dizer *pulsão*? Stein reconhece que entre as psicologias não existe um acordo nas interpretações do problema. Sentidos múltiplos são atribuídos ao substantivo *pulsão*, sobretudo quando se analisa a aplicação que é feita da noção:

*...exemplificando, admitindo uma unidade da alma que estabelece uma ordem nas pulsões (como evidencia em sua denominação a psicologia individual), ou admitindo que a vida da alma, seja a superficial ou a profunda, se apresenta como um caos, que não alcança o denominador comum da unidade pessoal<sup>4</sup>.*

Quer dizer, ao menos duas tendências contraditórias despontam no uso de um único vocábulo. Stein parece indicar um conflito interno das psicologias na compreensão e descrição da “substância” que orienta, ordena, estrutura a vida psicológica do sujeito humano. A chamada *Psicologia do Eu*, por exemplo, conceberia uma espécie de convergência dessas forças sombrias ordenadas pela alma, integradas em movimentos de síntese do próprio indivíduo, ao passo que outras psicologias tenderiam a pensar essas mesmas forças como cegas e incapazes de coordenação a partir de uma instância, ou mesmo de convergirem para a construção de uma unidade chamada pessoa.

Em sua diagnose, a autora parece indicar: se não há ao menos um acordo acerca da semântica básica no uso do termo *pulsão*, como entender a aplicação que as diversas psicologias fazem dele? Se uma certa fluidez, ou mesmo falta de precisão conceitual acomete o esforço reflexivo das psicologias, como seria possível assimilar a sua compreensão de homem? Com essas contradições internas, pode-se pensar na formulação de uma tese que dê conta da complexidade psicológica do sujeito humano?

---

<sup>4</sup> Idem.

Realizo essas inferências da letra da autora crendo não forçar a sua letra quando sugiro que ela cobra da psicologia uma certa precisão conceitual.

A nova antropologia resultante desse modo de pensar coloca em evidencia a realidade sombria do homem. No confronto com a antropologia idealista, arranca-se do pedestal uma visão de homem fundada no intelecto e na vontade soberana, tomada como instância competente para lhe fornecer um senso de realidade que o torne eficaz na intervenção objetiva de sua existência.

Ora, se essa antropologia sustenta uma concepção que pensa o indivíduo como um fecho desordenado de forças pulsionais, que o impelem ao des-nortamento de sua conduta, quanto mais não se diria de um projeto de humanidade. Se um indivíduo não é capaz de dar conta de sua conduta orientada por forças pulsionais, poderia o grupamento humano ser competente para realizá-lo? Nesse âmbito maior, coletivo, a conseqüência que se verifica é de total inviabilidade de pensar e propor a pauta de uma existência sob a *unidade espiritual da humanidade*. Se não se compreende essa unidade presente no indivíduo, como pensar que um conjunto de indivíduos pudesse possuí-la?

O resultado desta tendência reflexiva que caracteriza a contemporaneidade, atravessada pela influência do romantismo e da psicanálise é aterrador, seja na qualidade, seja na quantidade. O balanço seria o seguinte: 1. Uma falta de sentido absoluta da biografia do indivíduo; 2. Uma casualidade desnortadora da história humana; 3. Um vazio profundo do próprio projeto cultural da humanidade. Desse modo, a psicanálise estaria inscrita na esteira do niilismo, fortalecendo-o junto aos movimentos reativos à antropologia humanista que plantaram e nutriram a tradição ocidental.

Que impactos essa tendência reflexiva impõe à ciência formadora do homem, à pedagogia? Se o sujeito humano, de *per si*, não possui um norte; Se ele é uma matéria informe que se move caoticamente sem direcionamento; Se o rumo histórico da coletividade é desprovido de direção; Se a cultura é fruto de acidentes casuais: como pensar uma ciência formadora do sujeito?

Esse panorama instaura a falta de sentido do agir humano; impõe o declínio da orientação de um *Logos* que fornece um arranjo minimamente adequado para a conduta; dispensa e torna artificial o que a antiguidade construiu como a ciência formadora do homem, a pedagogia. Ela própria não seria um artifício dispensável neste cenário? Faz sentido falar de pedagogia nesse panorama de “terra arrasada” deixado pelo conjunto de teorias que tecem louvores às forças recônditas do homem, sem fornecer qualquer espaço à sua vocação à racionalidade, de controle e de auto-controle, de estabelecimento de um projeto coletivo, enfim, de afirmação de um sentido para a história humana?

Estes problemas se apóiam no resultado flagrado pela autora: Que homem resulta desse movimento iconoclasta que se abate sobre o projeto humanista? O que dele pretende essa nova perspectiva? Como lida com ele? Como reforça o seu comportamento desejável?:

*Como escopo resta, no fundo, somente o ser humano no qual as pulsões funcionam “normalmente”; como objetivo, a cura ou a prevenção dos distúrbios da alma; como meio, a análise da vida superficial, a descoberta da pulsão ativa, o início da satisfação ou de uma saudável abreação<sup>5</sup>.*

A primeira pergunta que surge aponta para o fundamento, para as concepções basilares da psicanálise: Que concepção de homem está aí implicada? Um fecho de pulsões, submetido às tensões inerentes à existência, portanto, submetido ao movimento de excitação psíquico, apto a descarregar essas excitações. A segunda demanda aponta para a finalidade: O que objetiva essa ciência? Instaurar mecanismos capazes de corrigir os danos dos traumas derivados dessas tensões inerentes à existência. A terceira se dirige para os dispositivos: Com quais ferramentas lida com ele? Com as técnicas terapêuticas que intervêm topicamente onde é necessário. E a quarta, para a relação que estabelece com o sujeito: O que essa teoria oferece ao indivíduo? Prazer psíquico. Em síntese, trata-se de uma poderosa ferramenta conceitual e de uma técnica de intervenção

---

<sup>5</sup> Idem p. 42.

igualmente poderosa. Como sustenta RIEFF<sup>6</sup>, com a psicanálise, conquistou-se a competência técnica para lidar com o homem do tempo da técnica. A terapêutica, e o homem que ela forja, se reforçam mutuamente<sup>7</sup>.

Todos esses elementos estão presentes no balanço que a autora efetiva: constata-se um modo-de-ser e um modo-de-pensar baseados nesses pilares, seja nos agentes da educação (professores e estudantes), seja na juventude em geral, ou ainda em todos os setores da vida contemporânea. Verificam-se as ressonâncias dessa nova visão de homem, mesmo onde não existe uma consciência dessa nova realidade. Esses novos fundamentos impregnaram a mentalidade, a conduta e o modo de ser contemporâneos.

Stein nos oferece um balanço das consequências: 1. Constata-se hoje uma estima excepcional pelos instintos, estima jamais vista no passado da parte dos jovens. O que mais importa hoje, bem mais do que ontem, é a *afirmação de si*, no sentido de reconhecer-se a si mesmo como sujeito dotado de competência para prover a própria satisfação, e em contrapartida, sujeito apto a declinar da luta saudável contra tal satisfação, ao acolhimento da renúncia, tudo em nome do cultivo “dos movimentos naturais”. O novo imperativo vigente será: “Coloque-se de lado, portanto, o inócuo e anti-natural esforço de promoção da renúncia, do controle de si”. Em termos psicológicos, não se pode mais negar uma definição de homem como *sujeito-de-desejo*, novo imperativo estabelecido pelo *homo psicanalítico*. Afirmativamente, ser *sujeito-de-desejo* implica na busca de satisfação egocêntrica, dado que agora são legitimados imperativamente. Não seria estranha à autora uma expressão do tipo: estamos no “reino da tirania do prazer egoísta”.

2. O segundo dado que evidencia a repercussão da psicanálise nos dias que correm se confere na outra ponta da relação educativa, a saber, entre os pais e professores. O agir destes atores educativos foi crivado pela equívoca substituição do educar por uma atitude de *esforço*

<sup>6</sup> RIEFF, P., *Freud, o triunfo da terapêutica*, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

<sup>7</sup> GALIMBERT, U., *Psique e techne: L'uomo nell'età della tecnica*, Milano: Fetrinelli Ed., 2002.

*compreensivo* do comportamento dos jovens. Uma espécie de aceitação dos imperativos naturalistas contaminou a ação pedagógica dos agentes mais importantes da educação. Tal atitude redundava na fragilidade da relação existente entre educando-educador, porque essa relação compreende que ecoa no educando uma permissividade absoluta e uma legitimidade da falta de referências de um agir equilibrado.

A influência da psicanálise no mundo contemporâneo pode assim ser diagnosticada:

*Por isso a psicanálise exercida de modo incompetente constitui um perigo não somente para a pedagogia, mas também para a totalidade da vida social, e de modo muito particular para a cura da alma*<sup>8</sup>.

Quais são esses perigos? Seriam eles advindos de uma mera aplicação técnica da psicanálise? Esses riscos adviriam de uma certa incompetência derivada da má formação dos profissionais que abraçam tal saber? Ou, de modo mais vertical, tais perigos estariam ligados muito mais aos fundamentos antropológicos da psicanálise, ao seu modo de pensar o homem de forma reducionista, o que vulnerabiliza profundamente os seus direitos à fruição das suas potências as mais sublimes?

### RAZÕES INCONSCIENTES DO HUMANO

Que interpelação realiza Stein à *antropologia psicanalítica*<sup>9</sup>? “No frigidus dos ovos”, é esse o ponto mais sensível da crítica que dirige à psicanálise: como representante dos saberes modernos, a psicanálise portaria uma certa “antropologia negativa”, ou contaminaria a pedagogia com uma visão de homem que o esvaziaria de qualquer conteúdo subjetivo. O que ela cobra da psicanálise em geral é a *visão de homem* implicada em suas teorias, em seus conceitos fundantes, em suas técnicas interventoras na organização psíquica dos homens. Creio que é nesse sentido que ela fala de uma *antropologia*.

---

<sup>8</sup> STEIN, op. Cit. p. 42.

<sup>9</sup> O texto considerado data de 1932, portanto, o movimento psicanalítico ainda está muito centrado em sua matriz original.

Se minha proposta de leitura de Stein é pertinente, creio que ela realiza uma diagnose genuína do movimento de pensar psicanalítico, que aqui projetamos sobre o modelo freudiano. Sem nos anteciparmos na avaliação dos juízos que emite acerca dessa *antropologia*, estou de acordo com a sua compreensão de que existe um realismo desencantado na psicanálise acerca do humano, especialmente no freudismo. Em que sentido isso se verifica?

Psiquicamente, na base de sua estruturação, o homem é agressivo e egoísta. Este é o resultado das investigações acerca das neuroses. Os textos do freudismo abundam nesse sentido<sup>10</sup>. E mais: não se trata de uma ocorrência patológica projetada sobre um percentual da humanidade. A agressividade e o egoísmo substancializam o próprio ser humano, são as suas duas potências mais evidentes e significativas. Em todos os atos psíquicos elas se esgueiram e/ou se evidenciam. Para marcar bem essa concepção é suficientemente persuasivo o recurso que Freud faz a uma passagem de um romance de Denis Diderot, a fim de evidenciar a compreensão do modo como o homem estrutura o seu agir: “*Se uma criança de três meses fosse abandonada às suas próprias forças e possuísse a energia de um homem de 30 anos, seguramente torceria o pescoço do seu pai e devoraria a sua mãe*”<sup>11</sup>.

Seria o homem bom ou ruim naturalmente? Não se trata de retomar uma questão detonada pelo Movimento Iluminista, que certamente nutre inúmeras reflexões de Freud. Para ele, interessa bem pouco atribuir juízo de valor ao agir humano. Sua preocupação fundamental é descrever a organização psíquica, seu funcionamento, seus resultados, a fim de melhor compreender a complexidade emocional do homem. Qual é a visão que resulta desse seu esforço descritivo?: um sujeito egoísta e agressivo em suas ações. Sem sombra de dúvidas, Freud concebe que a

---

<sup>10</sup> FREUD, S., *A moral sexual <<cultural>> e o nervosismo moderno*, SE. Vol. III; *A sexualidade na etiologia das neuroses* SE. Vol. III; *Da guerra e da morte*, SE Vol XIV; *Novas observações sobre as neuropsicoses de defesa*, SE Vol. III; *Prólogo à tradução em alemão de J.G. Bourke, Scatologic rites of all nations*, SE Vol. XII; *Três Ensaio sobre a teoria sexual*, SE Vol. VII, dentre alguns.

<sup>11</sup> Em três momentos de sua obra Freud usa essa concepção diderotiana condensada em “Le nouveau de Rameau”: *21a. Conferência. Desenvolvimento libidinal e Organizações sexuais* SE Vol. XVI p.308; *O Predomínio da Faculdade no Processo Halsman* SE Vol. XXI p. 249 e *Esquema de psicanálise* SE Vol. XXIII p 192, Buenos Aires: Amorrortu Ed 1990.

organização coletiva do homem não seja determinada pelos instintos. Ou seja, os elementos que permitem a adesão dos seres humanos à sociedade jamais poderiam ser instintivos, como é o caso da organização da colméia, da malta, do cardume, do bando, do rebanho, etc. A organização da vida coletiva do homem é guiada por forças, certamente, mas agora se tratam de forças *desiderativas*.

Qual é o componente mais saliente dessas forças? A resposta é fornecida por Freud a partir da psicologia do indivíduo: o *desejo* é constituído de forças que afirmam o indivíduo contra e em detrimento a todos os demais que, em seu confronto, são meros objetos. Freud atribui a essas forças um caráter egoísta, ou melhor, são *pulsões egóicas*, afirmadoras do indivíduo.

Um outro componente de relevo é a agressividade (no mesmo esquema indicado acima, a fundação da vida social ocorre violentamente: o parricídio - também emprestado da antropologia<sup>12</sup> - demonstraria a força imperativa do desejo primitivo), que individualmente se expressa mediante atitudes hostis e ambivalentes do sujeito para com os seus pais, por exemplo. Coletivamente, essa agressividade é apresentada por uma peça da retórica freudiana que supõe um evento traumático, no qual os filhos, frustrados e invejosos frente aos poderes e privilégios do pai na organização do clã, se reuniriam de modo cúmplice na eliminação do próprio pai, que os impedia a realização dos *desejos* mais intensos.

Retornemos a Stein: não é Freud o seu interlocutor direto, mas Jung, todos sabemos. Recorro à Freud por uma exigência de retorno às origens, espaço no qual as formulações são cristalinas, e em que podem ser isoladas com precisão os pontos-chaves aos quais se endereçam a crítica formulada. Nesse meu movimento digressivo reside também a convicção de que a concepção de Jung nesta matéria seja reafirmadora da concepção de Freud. Portanto, creio ser possível remontar um itinerário balizador que possibilite articular o diálogo aqui imaginado por

---

<sup>12</sup> “O banquete totêmico, talvez a primeira festa da humanidade, seria a repetição e celebração daquela façanha memorável e criminosa com a qual tiveram início tantas coisas: as organizações sociais, as limitações éticas e a religião” *Totem e Tabu*, p. 144.

mim. Se as críticas de Steins são dirigidas à Jung, o mais “espiritualizado” dos fundadores da psicanálise, quanto mais não seria à Freud?

Faço um elenco dos pontos teóricos marcados pela crítica steiniana para possibilitar a demonstração de que o freudismo, na minha operação alvo indireto das críticas de Stein, é detentora de uma antropologia negativa, ou melhor, de uma antropologia que não assegura ao homem a sua competência decisória, racional, ou o seu estatuto de sujeito de ações inscritas no Logos. De acordo com a reflexão da autora, a psicanálise:

1. Operacionaliza uma espécie de reducionismo quando define o sujeito humano como uma realidade movida por pulsões, forças naturais que impelem a uma conduta que em nada careceria de algo como o norteamento do Logos; 2. Não confere um valor à consciência como elemento decisório na condução do agir humano; 3. Pensa a organização psíquica sob os estreitos cânones positivistas e materialistas; 4. Recupera o espaço sombrio constitutivo da alma humana, o inconsciente, mas não permitiria vislumbrar que o sujeito humano é constituído de dimensões bem mais complexas, a exemplo da consciência e da vontade soberana, dotes legítimos do sujeito; 5. Erige uma visão que foca o homem como um mero ser-de-patologia.

Em quais textos, teorias, noções, reflexões da obra freudiana essa diagnose steiniana encontraria guarida? Certamente o conjunto da obra do autor vienense promove essa leitura. Mesmo suspendendo os juízos de valor com os quais a autora trata vários dos elementos supra citados, a crítica é legítima, consistente e persuasiva na sua formulação.

Efetivamente, a psicanálise tem uma forte penetração nas ciências humanas, haja vista todos os posicionamentos de vários especialistas em várias partes do globo<sup>13</sup>. Na filosofia, na

---

<sup>13</sup> Apenas citamos alguns autores por região para dar uma idéia de sua repercussão: na Alemanha, FROMM, E. *A missão de Freud*, Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1989, BETTELHEIM, B. *Freud e a alma humana*, Rio de Janeiro: Ed. Cultrix, 1984 e MARCUSE, H. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud* Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1981; na Inglaterra, ROITH, E. *O enigma de Freud: Influências judaicas em sua teoria sobre a sexualidade feminina*, Rio de Janeiro: Imago Ed. 1989; Nos EUA, GAY, P. *Um judeu sem Deus. Freud, ateísmo e construção da psicanálise*, Rio de Janeiro: Imago Ed. 1992; na França, RICOEUR, P. *Da Interpretação*, Rio de

antropologia, na sociologia, nas ciências políticas, na pedagogia a presença da psicanálise é incontestável. Ela oferece às ciências humanas, elementos clarificadores da conduta do homem que até então não haviam sido vislumbrados<sup>14</sup>. E segundo Stein, esses elementos redundam danosos para constituir uma concepção de homem que possa servir de base à sua formação. E mais, adito: as pulsões, como fundadoras da natureza humana jamais lhe assegurarão os seus direitos mais elementares.

Para Stein, o ponto de relevo da crítica dirigida à psicanálise é aquele que diz respeito à fragilidade da consciência. De fato, o logocentrismo que caracteriza a Tradição Grega é substituído pela idéia de inconsciente enquanto instância estruturante da conduta humana. A concepção de homem fundada na consciência como senhor de si, senhor de sua conduta e, até mesmo, num certo sentido, como senhor do mundo. Freud sabe que opera uma inversão de perspectiva quando enuncia que este narcisismo do homem ocidental recebeu, com Copérnico, Darwin e ele próprio, um golpe que lhe feriu profundamente em três dimensões: numa perspectiva cosmológica Copérnico demonstrou que a terra, *habitat* do homem, não passa de um grão de poeira no cosmo infinito; com a sua teoria da evolução Darwin desmontou o orgulho humano que pretendia destacar-se da natureza, afirmando haver uma linha de continuidade entre a estrutura humana e a estrutura animal; e o próprio Freud desmascarou o pretense controle do homem sobre si mesmo<sup>15</sup>. Resultado: o homem não é senhor do universo, não domina a natureza e sequer detém o controle sobre si mesmo. Freud nomeou a essa desconstrução de *ferida narcísica*. A psicanálise veio deslocar a consciência do lugar central que ocupava no conjunto de explicações que reputavam ao homem o estatuto de senhor de si. É esse, de modo particular, o

---

Janeiro: Imago Ed. 1977 e KAUFMANN, P. *Freud e a teoria da cultura*, in História da filosofia: Idéias e Doutrinas. V. 8. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1974; e no Brasil, MONZANI, L. R. *Freud, o movimento de um pensamento*, Campinas: Ed. Unicamp, 1989, MEZAN, R. *Freud, o pensador da cultura*, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985 e MENEZES, JEX, *Fábrica de Deuses: a teoria freudiana da cultura*, São Paulo: Edunimarco Ed, 2000.

<sup>14</sup> BACHELARD, G. *A psicanálise do fogo* Lisboa: Litoral Edições, 1989; PORTELA NUNNES, E.P *Freud e Sheakepeare*, Rio de Janeiro: Imago Ed. 1989.

<sup>15</sup> FREUD, S., *Uma dificuldade para a Psicanálise*, SE Vol. XVI, Buenos Aires: Amorrutu Ed, 1990.

ponto de resistência, o ponto de discórdia entre toda reflexão centrada na consciência e aquela proposta pela psicanálise.

De fato, considerando o sintoma, o sonho, o ato falho, o delírio Freud deu-se conta de que toda produção psíquica é constituída por forças inconscientes. Pensamos, falamos e agimos sem a condução de uma instância como a consciência. O ponto de partida de todo agir humano não é a consciência. Todo o problema reside em uma certa topologia psíquica: o *topos* da consciência nem é central, nem habita o princípio dos atos psíquicos, nem tampouco os determina. Ao contrário, a consciência advém de um processo inconsciente, vale dizer, resulta de um pensar esquecido que pensa, de um falar que se ignora, de um agir que desconhece as próprias motivações. Em sua teoria da memória, Freud concebe o aparato mnemônico constituído por três níveis de organização: o primeiro é o inconsciente, lugar psíquico no qual estão depositados os traços de memória mais arcaicos do indivíduo; o segundo é uma espécie de *limbo* no qual permanecem certas lembranças que acorrerão à consciência; e o terceiro é o sistema de consciência. A energia dos produtos e dos processos psíquicos se origina no inconsciente. Contudo, a sua manifestação depende do trabalho de elaboração dos três sistemas constitutivos do aparelho psíquico.

É o que se constata no sonho. Quando dormimos, a consciência não precisa cumprir o seu papel de síntese, de vigilância e de controle. O resultado é que as imagens se compõem no processo onírico como desfigurações da realidade, incongruentes, aparentemente ilógicas. À instância responsável da censura não se requisita o trabalho de elaboração das imagens. Ela está como que dispensada de agir sobre o material de memória, e o resultado será um conjunto de imagens bizarras, beirando ao absurdo, que compõem o sonho. Na linguagem econômica de Freud, a energia psíquica flui para a direção contrária à consciência, resgatando um material de pouca importância para a vida de vigília, mas de grande mobilização da vida onírica. Amamos, odiamos, sentimos prazer, pensamos, desejamos, realizamos desejo enquanto dormimos, sem que a consciência lhe seja um requisito, uma condição de possibilidade.

Todos os mecanismos psicopatológicos formulados por Freud reiteram essa perspectiva de que a consciência realiza um papel secundário na elaboração dos atos psíquicos: a conversão no caso da histeria, a dissociação para a neurose obsessiva, a projeção na paranóia, enfim. Portanto, Stein acerta no alvo quando “denuncia” que, para a psicanálise, a consciência não exerce um papel preponderante na formação dos atos humanos. O que se torna imperativo é indagar sobre o significado disto para Freud. Seguramente, sua descrição da ocorrência dos processos psicológicos como se instauram, não é, efetivamente, uma reflexão da ordem do dever-ser. Descrever como sejam os atos psicológicos humanos não vai significar o mesmo que vaticinar como o agir humano deva ser orientado.

Freud positivista e materialista: mais uma vez nossa autora acerta o alvo no que tange a orientação do pensar psicanalítico. Alguns *atos conceituais* confirmam esse elemento de relevo da crítica que apresenta à psicanálise. O primeiro deles diz respeito ao estatuto da psicologia e da psicanálise em particular. No contexto de fim do século XIX, Freud pretende inscrever a sua descoberta num hall bem conhecido das ciências, a *Naturwissenschaft*: concebe o aparelho psíquico como uma estrutura material, movido por fluxos quantitativos<sup>16</sup>. É evidente que o seu projeto malogra, já que toda observação contradiz a sua intenção de promover um esforço explicativo do comportamento humano sob cânones positivistas: não consegue explicar o surgimento da consciência num aparelho psíquico produtor de sintomas; não consegue justificar a exigência de interpretação do comportamento das histéricas, se considerar que tal comportamento resulta de forças; não tem êxito ao explicar mecanicamente o funcionamento da memória, etc. Esse desconforto é confesso pelo próprio Freud nesses anos de reflexão da chamada pré-história da psicanálise<sup>17</sup>. Como explicar a linguagem enquanto um fenômeno de significação? O que dizer do símbolo que comparece em todo discurso dos neuróticos? Como explicar a cultura em suas variadas manifestações? Todas essas questões pertencem ao inventário do desconforto experimentado intelectualmente por Freud. Ele os enuncia ao seu amigo Fliess em várias

<sup>16</sup> FREUD, S. *Projeto de uma Psicologia*, Rio de Janeiro: Imago Ed. 1995.

<sup>17</sup> FREUD, S. *Epistolário*, Madrid: Biblioteca Nueva, 1963.

ocasiões<sup>18</sup>. Neste sentido, temos aqui indicadores de que o próprio Freud exercita uma espécie de honestidade intelectual: reconhece os limites de suas formulações e os enuncia com o rigor que lhe caracteriza.

Um outro *fato conceitual* é a própria concepção de psiquismo: na *Traumdeutung* Freud se vale de teorias físicas para metaforizar o psiquismo. Como é estruturada a memória? O sistema ótico da máquina fotográfica, bem como o do microscópio serão utilizados para descrever, metaforicamente, o funcionamento do psiquismo no resgate das lembranças<sup>19</sup>. É legítima, portanto, a questão que se entrevê na crítica de Stein a propósito da concepção do psiquismo enquanto uma instância de memória: seu paradigma explicativo pode ser o mecânico? Compete à máquina uma memória autônoma? Ou mesmo de acordo com o paradigma biológico<sup>20</sup>, o psiquismo, centro da memória humana, possui estrutura e funcionamento símile à do organismo? Ao psiquismo, pensado como um sistema de memória, não compete um esforço que pense o símbolo, o sentido, a interpretação? Um dado armazenado numa memória do tipo mecânico, ou um registro inscrito na memória orgânica tem a mesma complexidade ou o mesmo estatuto que um traço psíquico? Tais questões provocam as sucessivas reformulações que Freud realiza em sua obra, e ele marca, a cada elaboração, o caráter provisório das conquistas.

O quarto componente por nós isolado na crítica de Stein é a polaridade estabelecida entre inconsciente e consciência. Sintonizado com o seu ambiente romântico, Freud privilegiaria a observação, a descrição e a explicação do comportamento do homem a partir desse universo sombrio de forças incontrolláveis e destruidoras. A loucura<sup>21</sup>, a agressividade<sup>22</sup>, o egoísmo<sup>23</sup>, a

---

<sup>18</sup> FREUD, S. *Esboço de uma comunicação preliminar*, SE Vol. 1, Buenos Aires: Amorrortu Ed. 1990.

<sup>19</sup> FREUD, S., *A interpretação dos sonhos*, SE Vols. IV e V, Buenos Aires: Amorrortu Ed., 1990 (Particularmente o famoso capítulo VII).

<sup>20</sup> FREUD, S., *Ego e Id*, SE Vol. XXII, Buenos Aires: Amorrortu Ed., 1990.

<sup>21</sup> FREUD, S., *Pontualizações psicanalíticas sobre um caso de paranóia (dementia paranóide) descrito autobiograficamente*, SE Vol. XII, Buenos Aires: Amorrortu Ed, 1990.

<sup>22</sup> FREUD, S., *Três Ensaio sobre a teoria sexual*, SE Vol. VII: Buenos Aires: Amorrortu Ed, 1990.

<sup>23</sup> Idem

guerra<sup>24</sup>, a morte<sup>25</sup>, são exemplos de fenômenos que ocorrem ao homem, fenômenos que revelam fortemente essa sua tendência para o vazio, para o aniquilamento, para o nada.

O próprio *dualismo pulsional* é revelador desse ponto: para Freud, o homem é dotado de pulsões egóicas, correspondentes àqueles impulsos que o movem a cuidar da vida, a expressar o apreço e o cuidado por si mesmo. Através delas, o sujeito humano é impelido a desenvolver o amor de si, e para tanto dispõe de todos os dispositivos eróticos que operacionalizam um tal amor de si, e o manifesta já em tenra idade:

*... o que rege a ação de chupar da criança é a busca de um prazer -já vivenciado e agora recordado-. Assim, no caso mais simples, a satisfação se obtém mamando ritmicamente uma área da pele ou da mucosa. É fácil coligir também as ocasiões que ofereceram à criança as primeiras experiências desse prazer que agora aspira renovar. Sua primeira atividade, a mais importante para a sua vida, o mamar do peito materno (ou de seus subrogados), a familiarizou com esse prazer<sup>26</sup>.*

O que está em jogo aqui não é simplesmente a nutrição, dispositivo biológico universal e particularmente estimado pelos mamíferos através da sucção do leite do peito materno. O que Freud deseja colocar em relevo com a análise do fenômeno da amamentação é o fato de o bebê humano ultrapassar, por assim dizer, as exigências instintuais. Vale dizer: uma vez saciada a fome, o mamífero perde o interesse pelo objeto que o sacia. No caso do bebê, destaca Freud, a sucção do leite, que responderá pela necessidade de nutrição, torna-se o ponto de apoio<sup>27</sup> de uma função psíquica bem mais complexa, o ato de chupar o peito materno. Variantes não biológicas aí são realizadas, a exemplo da ação de demorar-se na fruição do contato do peito com a boca, de mordiscá-lo sem o movimento de sucção do leite, de massageá-lo com os lábios, enfim, ações que indicam a capacidade de o bebê explorar a possibilidade de auto estima mediante o contato íntimo com a mãe.

<sup>24</sup> FREUD, S., *Da guerra e da morte*, SE Vol XIV, Buenos Aires: Amorrortu Ed, 1990.

<sup>25</sup> FREUD, S., *Além do princípio do prazer*, SE Vol. XVII, Buenos Aires: Amorrortu Ed, 1990.

<sup>26</sup> FREUD, S., *Três Ensaio sobre a teoria sexual*, SE Vol. VII, p. 164, Buenos Aires: Amorrortu Ed, 1990

<sup>27</sup> LAPLANCHE, J. *Vida e Morte na Psicanálise*, Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1995.

A despeito das tensões que a concepção da sexualidade infantil ainda hoje provoca (embora esse não seja o elemento mais incômodo do pensamento freudiano, seguramente), apresento aqui a linha de argumentação em Freud que vai estruturar a reflexão sobre o desejo humano caracterizado pela sexualidade. Isso se expressa na mais elementar e mais tenra experiência da vida de cada sujeito, isto é, na amamentação. A busca do prazer nesta experiência ultrapassa a satisfação nutricional. Nos registros psíquicos presentes na sucessão de mamadas se atualizam e se reforçam no bebê aqueles traços de memória que intensificam o apreço da mãe por ele. Esse conjunto de ações ligado ao ato de chupar o peito, concomitantemente ao sugar o leite, não é pensado como dispositivo biológico-automático acionado por qualquer mamífero. Trata-se, para além disso, de mecanismos psíquicos, isto é, de inscrições de memória que são ativadas na medida em que o bebê sacia a necessidade da fome, certamente, mas, além disso, satisfaz o desejo de afeto, de proteção, de cuidado. No conceito de *polimorfia*, todos esses elementos estão inseridos.

Ao debate realizado por Stein esse argumento colabora na demonstração de que Freud pensa o amor de si, o auto-erotismo, o erotismo, a polimorfia, etc., como ações do sujeito humano que não são deliberadas conscientemente. Não se trata de atos racionais calculados conscientemente pelo sujeito. São ações que decorrem da ativação de lembranças depositadas na camada mais recôndita de nossa memória. À moda freudiana, são ações inconscientes. A constituição da memória, a matriz mnemônica que garante a vida é instalada no sujeito humano por forças que em nada se articulam com a vida consciente.

O mesmo vale para as *pulsões de morte*<sup>28</sup>, que compõem o dualismo pulsional com o qual Freud justifica o comportamento humano. Como explicar as forças agressivo-destrutivas que habitam a alma humana? De que modo deve-se compreender a tendência humana para a violência, para a dissociação, para a guerra? Tudo isso está plantado na natureza humana como

---

<sup>28</sup> FREUD, S., *Alem do principio do prazer*, SE Vol. XVII, Buenos Aires: Amorrortu Ed., 1990.

forças que impelem o homem para a auto-afirmação na arena da vida<sup>29</sup>. A estrutura psíquica é movida, portanto, por forças egoístas e agressivas. As pulsões egóicas são egoístas por natureza e buscam afirmar o sujeito mediante o fazer-se amado, centro das atenções, como se confere na conduta dos bebês; a pulsão de morte é destrutiva essencialmente para que seja garantido, na guerra de todos contra todos, a sobrevivência do mais competente ao afirmar-se e ao proteger-se.

Não é à toa que Freud se remete aos dois tipos de pulsão resgatando os mitos de Eros e Tanatos. No movimento de pensar característico à psicanálise, esses mitos são reveladores da natureza humana na medida em que expressam as tendências egoístas, agressivas e destrutivas da natureza humana.

Quinto e último ponto da crítica steiniana: o homem, ser-de-patologia. Pode-se pensar que seja a psicologia do indivíduo ancorada na psicopatologia. Sem dúvida, toda a metapsicologia é construída nessa perspectiva, o comprova a *Teoria das Neuroses*. Sintoma, delírio, alucinação, ato falho, conversão, etc., revelam, substancialmente, que o homem é um ser que adoece psiquicamente. Mas o fato de ser dotado de uma dimensão psíquica implica em ser estruturado necessariamente pela patologia? O homem é homem porque adoece animicamente? A definição de sujeito psíquico somente pode ser instaurada mediante a experiência negativa que ele faz de si?

Em termos freudianos, a resposta seria positiva. E tal resposta ganha contornos mais contundentes quando lemos a *Teoria da Cultura* elaborada pelo freudismo: a neurose é o resultado no indivíduo (recalque) das exigências civilizatórias a ele impostas (repressão)<sup>30</sup>; ao tempo em que a civilização representa uma ruptura efetivada pelo homem relativamente à natureza; ser civilizado implica em um extraordinário sofrimento psíquico que todos

---

<sup>29</sup> FREUD, S., *Totem e Tabu*, SE Vol. XIII, Buenos Aires: Amorrortu Ed., 1990.

<sup>30</sup> FREUD, S., *21a. Conferência: Desenvolvimento libidinal e organizações sexuais*, SE Vol. XVI, Buenos Aires: Amorrortu Ed. 1990.

experimentamos em decorrência das renúncias impostas pelo projeto coletivo de humanidade<sup>31</sup>; ferramentas culturais presentes em todas as sociedades tornam-se obsoletos instrumentos de controle do homem, a exemplo da religião<sup>32</sup>, enfim.

Acrescente-se a este argumento a concepção freudiana de sonho, fantasia, sublimação. À parte a linguagem econômica que usa<sup>33</sup>, todos os fenômenos citados são analisados em uma perspectiva negativa: o sonho resulta de uma regressão psíquica, fenômeno que se caracteriza privilegiadamente pela ausência da consciência<sup>34</sup>; a fantasia é uma ausência de realidade (no máximo, na composição dos elementos da fantasia estariam presentes fragmentos da realidade)<sup>35</sup>; a sublimação é concebida como desvio, deslocamento do investimento da energia sexual de um alvo eminentemente sexual para um outro disfarçadamente não sexual<sup>36</sup>.

Em síntese, todo o funcionamento psíquico ocorre marcado por uma ausência, uma negação. O cenário psíquico do homem é sempre o patológico de acordo com os cânones freudianos. O sonho não pode encerrar uma positividade, como em Sheakspeare, por exemplo<sup>37</sup>; a fantasia é sempre uma válvula de escape do real que promove no universo psíquico uma espécie de negação do próprio real<sup>38</sup>; a própria sublimação é concebida enquanto desvio, enquanto recusa de investimento direto nas expressões sexuais<sup>39</sup>.

### DIÁLOGO DE SURDOS NA COMPREENSÃO DO HUMANO?

Que reação é possível frente a tantos reducionismos efetivados sobre o homem pela psicanálise? Se por um lado Stein reconhece que “A psicanálise foi um primeiro grande olhar

<sup>31</sup> FREUD, S., *A moral sexual <<cultural>> e o nervosismo moderno*, SE Vol. III, Buenos Aires: Amorrortu Ed. 1990.

<sup>32</sup> FREUD, S., *O futuro de uma ilusão*, SE Vol. XXI, Buenos Aires: Amorrortu Ed. 1990.

<sup>33</sup> FARIA JR, O.G., *Freud, racionalidade, sentido e referência*, Campinas: Edunicamp, 1998.

<sup>34</sup> FREUD, F., *A interpretação dos sonhos*, SE Vols. IV e V, Buenos Aires: Amorrortu Ed. 1990.

<sup>35</sup> FREUD, F., *A sexualidade na etiologia das neuroses*, SE. Vol. III, Buenos Aires: Amorrortu Ed. 1990.

<sup>36</sup> FREUD, F., *Três Ensaios sobre a teoria sexual*, SE Vol. VII, Buenos Aires: Amorrortu Ed. 1990.

<sup>37</sup> BRASIL, H.V., *Dois ensaios entre a literatura e a psicanálise*, Rio de Janeiro: Imago Ed. 1992.

<sup>38</sup> LAPLANCHE, J., *Fantasia originárias, origem das fantasias e fantasias das origens*, Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1988.

<sup>39</sup> FOUCAULT, M., *História da sexualidade: A vontade de saber*, Vol. I, São Paulo: Graal Ed. 1988.

sobre esta realidade”<sup>40</sup> sombria da alma humana, ou como preferia Freud, sobre o inferno dantesco que caracteriza a estrutura psíquica do homem, por outro lamenta e objeta que o homem seja tão somente esta realidade negativa descrita por este saber.

Afinal, para Freud, o sentido com o qual o homem dota as suas ações, as manifestações mais elevadas da dignidade de sua subjetividade, as expressões mais altas de suas conquistas civilizatórias se confinam em uma explicação desencantada de forças que se contrapõem, se combatem e parecem lançar o homem no nada da existência. O homem resulta, aos seus olhos, em um fecho de forças pulsionais que se movem de um ponto de partida arbitrário para dirigir-se a um escopo indeterminado. Trata-se de um movimento vertiginoso que torna vazia a experiência humana em sua plenitude. O risco mais radical reside em se conceber uma estrutura que não produz sentido e, portanto, não tem como garantir, a partir de dentro, os direitos mais elementares.

Contra este modo de pensar, Stein propõe a antropologia cristã que parte

*...da convicção acerca da bondade da natureza humana, da liberdade do homem, de sua vocação à perfeição, de sua posição de responsabilidade dentro da totalidade unitária do gênero humano*<sup>41</sup>.

Em uma assimetria radical com a visão psicanalítica do homem, legítima uma visão que foca no homem os seus elementos constitucionais os mais nobres, a exemplo do amor que é capaz de nutrir para consigo mesmo. Não se trata de um sentimento cego resultante de um conjunto de forças, mas de um sentimento elaborado pela capacidade humana de conhecimento e de reconhecimento de si e dos outros. O ato de conhecer é legítimo ao homem e nasce do seu espírito impelindo-o ao apreço por si mesmo, pelos outros e pela realidade do mundo. A famosa fórmula agostiniana perpassa a reflexão de Stein: conhecer é amar, necessariamente. E por definição, este sentimento dirigido pelo sujeito a si mesmo, abre-o à experiência com o outro,

---

<sup>40</sup> STEIN, E., *A estrutura da pessoa humana*, Roma: Città Nuova, 2000.

<sup>41</sup> Idem p. 45.

contrariamente ao que pensa Freud quando parte da idéia de que este amor consome toda energia do homem ao tornar a sua individualidade uma instância fechada.

É claro que para a autora o outro por excelência é Deus, criador do homem, sobre o qual Freud vaticina ser uma miragem do psiquismo alucinado da humanidade. Estamos, como percebemos, num caminho reflexivo minado que parece, de parte a parte, encerrar os protagonistas nos seus discursos, detentores de princípios e escopos diversos, divergentes, conflitantes, tensos.

Mas esse antagonismo radical é inconciliável? É impossível um diálogo entre essas perspectivas? Aqui não me propus esconder “o sol com a peneira”. Existe, efetivamente, um naturalismo no modo de Freud conceber o homem, reconhecido e criticado por inúmeros autores<sup>42</sup>, inclusive não cristãos. Essa perspectiva é constituinte da psicanálise. Mesmo o seu “herdeiro” o mais espiritualizado, por assim dizer, Jung, mantém princípios e descobertas efetivadas por Freud, e é ele o alvo direto da análise steiniana.

Não obstante o impasse, acredito ser possível um diálogo fecundo entre psicanálise e humanismo, especialmente com o humanismo cristão. O reconhecimento do valor das descobertas freudianas dispensa demonstrações. Em todos os campos das Ciências Humanas, em âmbito internacional, verifica-se esse reconhecimento. O fato único de uma teoria e uma técnica nos encorajar à proximidade com o mundo sombrio, morada de *Tânatos* em nós, já justifica a sua existência.

---

<sup>42</sup> RIEFF, P., *Freud, the mind of the moralist*, Ed. Chicago University Press, 1979; RICOEUR, P., *Da interpretação*, Imago Ed., 1977; PORTELA NUNNES, E.P e CHP, *Freud e Sheakepeare*, Imago Ed, 1989; NOGARE, P. D., *Humanismos e Anti-humanismos*, Ed. Vozes, 1985; MONZANI, L. R., *Freud, o movimento de um pensamento*, Ed. Unicamp, 1989; MARCUSE, H., *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*, Zahar Ed, 1981; KAUFMANN, P., *Freud e a teoria da cultura. in História da filosofia: Idéias e Doutrinas*, Vol. 8, Zahar Ed, 1974; FORRESTER, J., *A linguagem nas origens da psicanálise*, Imago Ed. Ltda, 1983; ELLENBERG, H.F., *Histoire de La découverte de l'inconscient*, Ed. Fayard, 1994; DEKENS, O., *L'Épaisseur Humaine*, Éditions Kimé, 2000; BETTELHEIM, B., *Freud e a alma humana*, Ed. Cultrix, 1984; FOUCAULT, M., *Histoire de la Folie*, Collection Tel, Ed. Gallimard, 1972, dentre alguns.

Adicione-se a isso o fato de que, biograficamente, Freud experimentou e refletiu sobre a amizade, a solidariedade, os valores da família, a moralidade, a sublimação, enfim. No limite, se o seu discurso científico é depositário de reducionismos, a sua biografia e os benefícios que a psicanálise trouxeram para a humanidade a lançam para além dos seus muros. Sabemos por seus biógrafos o quanto Freud era solidário<sup>43</sup>. Mas, acima de tudo, conhecendo a clínica freudiana, percebemos que nela a dor psicológica, o sofrimento emocional é compreendido, acolhido, tratado, cuidado com sutilezas antes desconhecidas. Em outros termos: mesmo que a concepção da vida emocional esteja marcada pelo ambiente naturalista e positivista em que o freidismo está inscrito, ele pôde inaugurar uma reflexão que realiza um esforço compreensivo de sua complexidade e mais, propiciou a emergência e dispositivos de intervenção que resgatam o valor da vida emocional como o patrimônio o mais significativo de uma biografia. Nisso Freud assegura pensar e intervir para que as condições de vivência dos direitos mais elementares estejam postas.

Assim, em certa medida, resgatando o lado cavernoso da alma, garimpando as camadas mais sombrias que lhe constituem, oferece-nos a possibilidade de enfrentar com coragem e sobriedade a dramaticidade humana, Freud nos faz descobrir que, com recursos humanos, podemos atingir a alma e o coração humanos. Nisso a sua técnica nos é necessária e nos alenta e estimula ao esforço de trabalho e elaboração psíquica para superarmos os traumas mais difíceis da nossa existência.

Com a psicanálise sabemos que não somos anjos ou demônios, mas homens que amam e odeiam, sofrem e desejam, buscam o prazer, dado sermos seres dotados de sexualidade e capazes de sublimação, capazes de construir o paraíso na terra ou instalar o inferno entre nós. Em suma, somos nós seres de desejo, mas devemos aprender a relativizar a sua força imperativa. Somos movidos pela *libido*, mas podemos aprender medidas de controle de sua força e de sua

---

<sup>43</sup> ROUDINESCO, E., *Os 100 anos de psicanálise na França* Vols. I e II. Jorge Zahar Ed., 1989; RIEFF, P., *Freud, the mind of the moralist*, Ed. Chicago University Press, 1979; GAY, P. *Freud, uma vida para o nosso tempo*, Cia das Letras, 1989.

destinação. Podemos descer ao inferno caótico pulsional, mas alcançar a ordem civilizada que nos propõe sublimar. Quer dizer: a vida emocional, *demasiada humana*, é recoberta significativamente pelo freudismo. Sua complexidade recebe dele lampejos que permitem sua compreensão e o desenvolvimento de ferramentas interventivas para o resgate da saúde psíquica. Direito o mais elementar do humano.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELLO, A.A., *L'universo nella coscienza: introduzione alla fenomenologia di Edmund Husserl, Edith Stein, Hedwig Conrad-Martius*, Pisa: Edizioni ETS, 2003.
- BACHELARD, G. *A psicanálise do fogo*, Lisboa: Litoral Edições, 1989.
- BETTELHEIM, B. *Freud e a alma humana*, Rio de Janeiro: Ed. Cultrix, 1984.
- BIZZOTTO, M., *Il grido di Giobbe. L'uomo, la malattia, il dolore nella cultura contemporânea*, Milano: C. Balsamo, 1995.
- BRASIL, H.V., *Dois ensaios entre a literatura e a psicanálise*, Rio de Janeiro: Imago Ed. 1992.
- COURT, P. M., *La unidad de la persona en un mundo secularizado*, in *Humanitas*, Ano IX/33, Santiago de Chile: 2004.
- DEL GÁUDIO, D. *A Immagine della Trinità: L'antropologia trinitaria e cristológica di E. Stein*, in *Teresianum Ephemerides carmeliticae*, LV/I, Roma: Ed. Teresianum, 2004.
- DEKENS, O., *L'Épaisseur Humaine*, Éditions Kimé, 2000.
- ELLENBERG, H.F., *Histoire de La découverte de l'inconscient*, Paris: Ed. Fayard, 1994.
- FARIA JR, O.G., *Freud, racionalidade, sentido e referência*, Campinas: Edunicamp, 1998.
- FORRESTER, J., *A linguagem nas origens da psicanálise*, Rio de Janeiro: Imago Ed. Ltda, 1983.
- FOUCAULT, M., *Histoire de la Folie*, Collection Tel, Paris: Ed. Gallimard, 1972.
- FOUCAULT, M., *História da sexualidade: A vontade de saber*, Vol. I, São Paulo: Graal Ed. 1988.
- FREUD, F., *A interpretação dos sonhos*, SE Vols. IV e V, Buenos Aires: Amorrortu Ed. 1990.
- *A moral sexual <<cultural>> e o nervosismo moderno*, SE Vol. III, Buenos Aires: Amorrortu Ed. 1990.
- *A sexualidade na etiologia das neuroses*, SE. Vol. III, Buenos Aires: Amorrortu Ed. 1990.

- *Da guerra e da morte*, SE Vol XIV, Buenos Aires: Amorrortu Ed 1990.
- *Esboço de uma comunicação preliminar*, SE Vol. 1, Buenos Aires: Amorrortu Ed. 1990.
- *Esquema de psicanálise* SE Vol. XXIII p 192, Buenos Aires: Amorrortu Ed 1990.
- *Novas observações sobre as neuropsicoses de defesa*, SE Vol. III, Buenos Aires: Amorrortu Ed 1990.
- *O Predomínio da Faculdade no Processo Halmans* SE Vol. XXI, Buenos Aires: Amorrortu Ed 1990.
- *Projeto de uma Psicologia*, Rio de Janeiro: Imago Ed. 1995.
- *Prólogo à tradução em alemão de J.G. Bourke, Scatologic rites of all nations*, SE Vol. XII, Buenos Aires: Amorrortu Ed 1990.
- *Três Ensaio sobre a teoria sexual*, SE Vol. VII, Buenos Aires: Amorrortu Ed 1990.
- *21a. Conferência: Desenvolvimento libidinal e organizações sexuais*, SE Vol. XVI, Buenos Aires: Amorrortu Ed. 1990.
- *A sexualidade na etiologia das neuroses* SE. Vol. III, Buenos Aires: Amorrortu Ed 1990.
- *Alem do principio do prazer*, SE Vol. XVII, Buenos Aires: Amorrortu Ed., 1990.
- *Da guerra e da morte*, SE Vol XIV, Buenos Aires: Amorrortu Ed, 1990.
- *Ego e Id*, SE Vol. XXII, Buenos Aires: Amorrortu Ed., 1990.
- *Epistolário*, Madrid: Biblioteca Nueva, 1963.
- *O futuro de uma ilusão*, SE Vol. XXI, Buenos Aires: Amorrortu Ed. 1990.
- *Pontualizações psicanalíticas sobre um caso de paranóia (dementia paranóide) descrito auto-biograficamente*, SE Vol. XII, Buenos Aires: Amorrortu Ed, 1990.
- *Totem e Tabu*, SE Vol. XIII, Buenos Aires: Amorrortu Ed., 1990.
- *Três Ensaio sobre a teoria sexual*, SE Vol. VII, Buenos Aires: Amorrortu Ed. 1990.
- *Uma dificuldade para a Psicanálise*, SE Vol. XVI, Buenos Aires: Amorrortu Ed, 1990.
- FROMM, E. *A missão de Freud*, Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1989.
- GALIMBERT, U., *Psique e techne: L'uomo nell'età della técnica*, Milano: Fetrinelli Ed., 2002.
- GAY, P. *Freud, uma vida para o nosso tempo*, Cia das Letras, 1989.

- Um judeu sem Deus. Freud, ateísmo e construção da psicanálise*, Rio de Janeiro: Imago Ed. 1992;
- GONZALEZ, J. S., *Michel Foucault: uma filosofia da ação*, Madrid: C. de Est. Constitucionales 1989.
- JERVOLINO, D. *Ricouer: L'amore difficile*, Roma: Ed. Studium, 1995
- KAUFMANN, P. *Freud e a teoria da cultura*, in *História da filosofia: Idéias e Doutrinas*. V. 8. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1974.
- LAPLANCHE, J. *Fantasia originárias, origem das fantasias e fantasias das origens*, RJ: Zahar Ed, 1988.
- J. *Vida e Morte na Psicanálise*, Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1995.
- LEAR, J., *Love and its place in nature: a philosophical interpretation on freudian psychoanalysis*, New Haven: Yale University Press, 1998.
- MARCUSE, H., *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*, RJ: Zahar Ed, 1981.
- MAY, W.E., *La moralita degli atti umani*, in *La copia giovane*, 17/2, Roma: 2004.
- MENEZES, JEX, *Fábrica de Deuses: a teoria freudiana da cultura*, São Paulo: Edunimarco Ed, 2000.
- MEZAN, R. *Freud, o pensador da cultura*, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.
- MONZANI, L. R. *Freud, o movimento de um pensamento*, Campinas: Ed. Unicamp, 1989.
- MONZANI, L. R., *Freud, o movimento de um pensamento*, Campinas: Ed. Unicamp, 1989.
- NOGARE, P. D., *Humanismos e Anti-humanismos*, Petrópolis: Ed. Vozes, 1985.
- NORIEGA, J., *Anotaciones sobre la ratio practica y la consciencia en Tomás de Aquino*, in *Anthropotes*, 12/2, Roma: 1996.
- PORTELA NUNNES, E.P e CHP, *Freud e Sheakepeare*, Rio de Janeiro: Imago Ed, 1989.
- PORTELA NUNNES, E.P *Freud e Sheakepeare*, Rio de Janeiro: Imago Ed. 1989.
- POUPARD, P., *Las ideas depresivas Del mundo contemporâneo*, in *Humanitas* Ano IX No. 36, Santiago de Chile: 2004.
- RICOEUR, P. *Da Interpretação*, Rio de Janeiro: Imago Ed. 1977.
- *História e Verdade*, Roma: Marco Editore, 1994.
- RIEFF, P., *Freud, o triunfo da terapêutica*, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.
- RIEFF, P., *Freud, the mind of the moralist*, Chicago: Ed. Chicago University Press, 1979.

ROITH, E. *O enigma de Freud: Influências judaicas em sua teoria sobre a sexualidade feminina*, RJ: Imago Ed. 1989.

ROUDINESCO, E., *Os 100 anos de psicanálise na França* Vols. I e II, São Paulo: Jorge Zahar Ed., 1989.

SCHELER, M., *Pudore e sentimento Del pudore*, Napoli: Guida Editori, 1979.

SCOLA, A., *L'alba della dignità umana. La fundazioni dei diritti umani nella dottrina de Jacques Maritain*, Milano: Jaca Book, 1982.

----- *il designo di Dio sulla persona, sul matrimonio e sulla famiglia*, in *Anthropotes* 15/2, Roma: 1999.

SEGURA, P.S., *Intuiciones tomistas para una teología en la posmodernidad*, in *Communio* Vol. XXXVII/I, Sevilla: Imprenta Sand, 2004.

STEIN, E., *La struttura Della persona humana*, Roma: Città Nuova Editrice, 2000.

----- *Psicologia e scienze dello spirito*, Roma: Città Nuova Editrice, 1996.

VIAFORA, C., *Fondamenti di bioetica*, Milano: Casa Editrice Ambrosiana, 1989.

WALLACE, E. *Freud and anthropology*, New York: International Universities Press, INC, 1983.

WILLIAMS, T. D., *What is thomistic problems?*, in *Alpha Omega* Ano VII No. 2, Roma: 2004.

WOJTYŁA, K. *Metafísica della persona*, Città del Vaticano: Lib. Ed. Vaticana, 2003.